



CARLOS AUGUSTO DE FIGUEIREDO MONTEIRO: O ÚLTIMO DEPOIMENTO

Vicente Eudes Lemos Alves¹

Gustavo Teramatsu²

Izabella de Oliveira Rodrigues³

Vanessa Juliana da Silva⁴

Paulo Roberto da Silva Rufino⁵

Resumo: Seguindo uma sugestão do professor Armen Mamigonian, entrevistamos o professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro em seu apartamento no edifício Porto Rotondo, no Cambuí — bairro central da cidade de Campinas —, na noite de 10 de setembro de 2019. Acreditamos que foi o último depoimento que ele concedeu. Apenas seis meses mais tarde, em março de 2020, a pandemia de Covid-19 impôs um longo período de isolamento social que coincidiu com seus últimos anos de vida. Ele faleceu em 13 de julho de 2022, deixando uma contribuição inestimável para a Geografia e outras Ciências Humanas e da Natureza e para as Artes.

Palavras-chave: Geógrafos brasileiros. Memórias. Biografia.

CARLOS AUGUSTO DE FIGUEIREDO MONTEIRO: THE LAST STATEMENT

Abstract: Following a suggestion from professor Armen Mamigonian, we interviewed professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro in his apartment in the Porto Rotondo building, in Cambuí — a central neighborhood in the city of Campinas —, on the night of September 10, 2019. We believe that it was the last statement that he granted. Just six months later, in March 2020, the Covid-19 pandemic imposed a long period of social isolation which coincided with the last years of his life. He passed away on July 13, 2022, leaving an invaluable contribution to Geography and other Human and Natural Sciences and the Arts.

Keywords: Brazilian geographers. Memoirs. Biography.

CARLOS AUGUSTO DE FIGUEIREDO MONTEIRO: EL ÚLTIMO TESTIMONIO

Resumen: Seguiendo una sugerencia del profesor Armen Mamigonian, entrevistamos al profesor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro en su apartamento en el edificio Porto Rotondo, en Cambuí — barrio céntrico de la ciudad de Campinas —, en la noche del 10 de septiembre de 2019. Creemos que este fue el último testimonio que concedió. Apenas seis meses después, en marzo de 2020, la pandemia de Covid-19

¹ Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, Brasil, veudes@unicamp.br, <https://orcid.org/0000-0002-9505-185X>

² Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, Brasil, gtera@unicamp.br, <https://orcid.org/0000-0002-7716-0243>

³ Secretaria Estadual de Educação, Campinas, Brasil, izabelladeoliveirarodrigues@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-9027-7366>

⁴ Secretaria Estadual de Educação, Hortolândia, Brasil, vanessajdasilva@hotmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-9725-3212>

⁵ Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, Brasil, paulorufino42@gmail.com, <https://orcid.org/0009-0009-7972-8646>

le impuso un largo período de aislamiento social que coincidio con los últimos años de su vida. El falleció el 13 de julio de 2022, dejando un aporte invaluable a la Geografía y otras Ciencias y Artes Humanas y Naturales.

Palabras clave: Geógrafos brasileños. Memorias. Biografía.

Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro: Minha carreira foi grande. Vou começar do início. Se eu estiver falando demais, depois vocês me param. Eu tive uma infância feliz e uma adolescência ruim. Por que eu digo que ela foi feliz? Eu acabei sendo criado pela minha avó. Por outro lado, o meu pai, que depois da lua de mel desapareceu, foi para as fazendas com os primos a passear, a “primaria” Leão, foi para lá. E quando ele voltou, eu já tinha nascido. Pois bem. E ele então, depois disso desapareceu. Foi com os primos Leão pelo sertão, pelas fazendas, conquistando as meninas⁶, as caboclas filhas dos... Dos fazendeiros, não, porque levariam tiro...

Vicente: Dos posseiros...

CAFM: Isso. Então o meu pai brigou com a minha avó porque achava que ela tinha me criado como um menino afeminado. Então eu dizia assim para ele: uma vez eu disse, “você me deixou aqui e o que você queria? Eu não via aqui na minha infância um homem fazendo a barba”. E eu pequenininho ali olhando para cima, olhando para ele, como é que é um homem, o meu pai fazendo isso. Ele não fez. O que que eu via? Minhas tias passando batom, fazendo a sobrancelha. É claro que eu não poderia ser um machão. Se bem que eu acredito que seja uma coisa normal, que existe, existe, pela quantidade, não se vai dizer que não. Mas eu tive essa felicidade de ter sido professor. Dei aula para garotos de segundo ano no Colégio de Aplicação na Federal onde eu estudei. E eu enfrentei morrendo de medo. Uma vez eu tinha que dar aula para uns garotos de quatorze anos. Eu fiquei morto de medo, mas me saí bem. E assim pela vida afora. Fui professor na USP. Nunca tive uma questão com aluno. Pelo contrário. Eles me chamavam de Cacá, que era uma coisa carinhosa. E eu venci uma coisa muito difícil, que a gente vê como é, que é a vocação ou a direção sexual das pessoas. Eu nunca tive problema e agradeço a Deus por isso. Onde é que eu estava mesmo? Me ajuda...

⁶ As aventuras de Raymundo Leão Monteiro, pai de Carlos Augusto, são descritas pelo filho na obra “Rua da Glória”.

Vanessa: Nos alunos da faculdade...

CAFM: Meu pai dizia: “Completou dezoito anos, não fica mais aqui nessa casa”. E eu estava me aproximando dos dezoito anos. Conseguí estudar, ser professor, ser aprovado — nunca fui reprovado, só tinha um problema com matemática, que aconteceu um acidente com o professor, que era muito malcriado e péssimo professor, desses que viram as costas dos alunos e escrevem na lousa e ninguém está sabendo, ou não. E ele se esquece de dizer que a matemática está em tudo, quem estuda medicina tem que saber matemática, porque como é que ele vai calcular aquelas coisas todas que a trama dos acidentes, você tem que saber o cálculo daquilo. Enfim, se não se faz nada no mundo sem matemática. Eu estava sempre entre os três primeiros classificados. Eu era bom em geografia, em história, nessas coisas todas, mas infelizmente todo ano eu ia fazer segunda época da matemática, e aí minha mãe me dava desculpa de não me levarem para a praia. Eu vim conhecer o mar quando eu vim para o Rio de Janeiro.

Vicente: Ah, não foi para Parnaíba?

CAFM: Nunca fui a Parnaíba, não me levavam. Não me levavam porque eu ia fazer exame de segunda época.

Gustavo: Professor, a sua mãe era professora também, não?

CAFM: Minha mãe era professora, isso, meu filho. E eu via minha mãe, que dava aula num colégio bem pobre. E quando a minha mãe faltava, naquela época, no Piauí pelo menos, o governo dava licença de dois, três dias para as professoras, quando elas tinham as regras da... como é que chama? Ajuda. Aquilo que vocês têm todo mês, meninas!

Gustavo: Menstruação?

Izabella: É isso?

CAFM: Pois é. Quando a minha mãe ficava, eu sabia, se tinha alguma crise, ela ficava. Você podia contar nove, dez horas, porque o colégio era longe, né? Chegava um aluno, perguntava se minha mãe estava doente, se ela estava sem empregada, se queria alguma ajuda. E ao mesmo tempo que levavam uma coisa, uma manga, uma fruta qualquer, um carinho. E aquilo me fascinava, porque eu dizia: "Que profissão é essa que faz as pessoas tão queridas? Minha mãe é adorada pelos alunos". [O aluno] vem, minha mãe abraça. E aí eu meti na cabeça que eu ia ser professor. Então, tem uma razão. E eu prefiro ser lembrado como professor do que como cientista. Porque minha obra, que inclusive a Universidade de Santa Catarina, foi onde eu comecei. Eu fui bolsista na França. Passei o ano de 1951. E depois o ano de 1952, porque eles renovaram minha bolsa, porque acharam que eu tinha aproveitado bem. E fiquei dois anos lá. Quando eu voltei, eu já era funcionário do IBGE. Porque aí fica muito longo eu explicar...

Vicente: Mas foi em 1954? Quando você voltou da França?

CAFM: Não, em 1954 eu já estava em... Não, não, mas ainda estava no IBGE, no Rio. Eu comecei... Porque naquela época... Quer dizer, quando eu voltei, o IBGE estava meio... Não tinha verba, não fazia excursão. E eu então falei com uma colega muito querida, que era a Conceição Vicente de Carvalho. A primeira doutora em Geografia que houve aqui nesse país. E ela disse assim: "Olha, eu vim de um congresso lá no Sul, em Santa Catarina, e me disseram que tem uma falta de professor de Geografia Física". E eu disse: "Eu conheço um colega que é do IBGE, mas ele também está com problema". Aí eu peguei um avião, falei com o Nilo Bernardes, e disse assim: "Nilo, eu vou ver se eu me dou bem na carreira universitária, se eu quero ser professor universitário". Aí eu ia pedir licença para fazer como o funcionalismo público faz, quer dizer, tomar um ano de licença sem vencimento, mas manter o prazo. Aí ele disse... "Olha, você não precisa fazer isso. O Walter Egler está indo dirigir o Museu de Belém. E você não precisa, porque ela tem o direito de ir para acompanhar o marido. Então ela não vai perder o lugar, nem precisa tirar a licença de um ano. E você pode ir muito bem para lá, porque o Estado de Santa Catarina, é um dos raros estados, assim como

Minas Gerais, eles têm um serviço geográfico. Então a gente pode mandar você como colaborador lá, enviado". Então foi uma mão na roda, porque eu fui, ficava a manhã, o expediente era da geografia — Departamento de Geografia de Santa Catarina. A partir da tarde, eu ia para a Faculdade Catarinense de Filosofia, que era um esforço de um juiz aposentado, o Desembargador [Henrique da Silva] Fontes, que era um homem impressionante. Como é que ele, depois de aposentado, já tinha feito setenta anos na Faculdade de Direito, ele estava aposentado, mas ele estava indo de Santa Catarina para lá, para ver se criava a Faculdade de Filosofia, porque é uma condição fundamental para ter uma universidade federal, tinha que ter um apoio de uma Faculdade de Filosofia. E esse velhinho fez os maiores sacrifícios. Uma vez ele estava no Rio, perdeu uma filha que morreu de parto⁷, o pessoal telefonou e ele disse: "Vocês me desculpem, eu sinto muito a morte da minha filha, mas não vou poder fazê-la voltar à vida. Como eu estou numa tarefa muito importante, que é fundar uma Faculdade de Filosofia aqui no estado de Santa Catarina, vocês me desculpem, mas eu não vou. Podem enterrar minha filha com a minha bênção e tal". Quer dizer, era um homem maravilhoso. Eu trabalhei cinco anos sob a direção dele. Quando foi um dia, eu passei cinco anos, quando foi um dia, eu disse assim... Isso é bom porque vocês vão vendo mais ou menos o meu caráter, né? (risos). Bom, o que que eu estava falando? (risos).

Gustavo: Sobre a sua saída de Florianópolis.

CAFM: Ah, sim. Então, eu fiquei assim... Fui bem tratado por esse velhinho. Quando eu disse a ele que eu ia para Rio Claro, que tinha sido convidado, e que eu iria porque ficava mais perto para fazer o doutorado em...

Gustavo: Professor, antes que o senhor vá para Rio Claro, faltou o senhor explicar para a gente primeiro como o senhor foi parar no IBGE como pesquisador.

CAFM: Ah, meu filho, isso aí é uma novela. Foi ótimo você falar (risos).

Gustavo: E eu acho que é nesse momento que começa a sua amizade com a Dora Romariz.

⁷ O falecimento de Alba Maria da Luz Fontes Piazza (1928-1959) é mencionado por Rogerio F. Guerra no texto *Henrique da Silva Fontes e a criação da Universidade Federal de Santa Catarina* (Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, v. 45, n. 1, p. 9-77, abril de 2011).

CAFM: É, exatamente. Era uma coisa, mas você vê como é que está a minha cabeça. Vocês ainda estão com sorte que eu estou conseguindo falar. Quando o meu tio me recebeu no aeroporto e me deixou do Rio de Janeiro, que foi um dos choques maiores que eu passei, eu fui para... Tive muita coisa assim ficando. Fiz amizade com a família, porque a senhora dessa... Era uma família que tinha muita... A filha e a mãe eram pianistas. Então, eu queria me ilustrar. Eu ia aos concertos do domingo, que eram grátis. O maestro alemão fazia isso no cinema perto do centro. E eu ia lá. Ficava quieto por saber que as pessoas não devem bater palmas. Então, eu nunca fiz uma gafe, porque no fim não era afoito, eu ficava quieto e seguia o que os outros faziam. Então, nessa família as duas pianistas eram muito simpáticas. Então, eu entrei lá. É claro que eu não tinha condição de ser pianista, porque, primeiro, não tinha piano. E, segundo, não tinha dinheiro para pagar essas coisas. Então, a filha da pianista era uma moça muito simpática e que estava fazendo um curso com o Mira y López, que era da educação, que tinha vindo da Espanha para isso. Então, ela tinha que fazer, no curso com esse professor espanhol, ela tinha que fazer um trabalho de término de curso. Então, ela resolveu fazer uma aplicação em mim, da... Como é que chama?

Gustavo: Teste vocacional?

CAFM: Isso. Ela, então, fez todos os seus testes. Eu conheço todos os testes. Esse teste de Rorschach, que é um que aparece com as figuras e você vai dizendo... Por exemplo, tem uma das figuras que está abrindo assim e falando. Então, você diz, "o que você está vendo?". Aí, uma pessoa normal diz assim: "é uma empregada que abriu a porta e anunciou que o jantar está servido". Mas eu, por exemplo, eu disse assim: "É uma mulher que abriu uma porta e viu um cadáver, porque aí ela ficou muito nervosa". Quer dizer, isso mostra que eu era uma pessoa que não estava bem, não é? (risos) Estava com muita dificuldade. Bom, então, ela me disse, no final do curso, ela diz assim: "Na sua análise, fica muito claro que você é uma pessoa que tem uma vocação para a arte. Mas aqui no Brasil está meio difícil". Isso era o começo dos anos 1940. Então, ela... Quem é que eu estou falando?

Gustavo: Dessa moça que era seguidora do Mira y López.

CAFM: Ah, sim. Ela fez e depois a conclusão dela era que eu era muito voltado para as artes, mas que não tinha uma coisa assim, mas havia um curso de geografia e história que havia disciplina que você podia aproveitar. Eu, então, fiz o vestibular. Passei. Eu sabia inglês, porque eu aprendi de pequeno. Eu mesmo aprendi sozinho, vendo os livros de inglês do meu pai, ia ao cinema... Eu aprendi inglês sozinho.

Gustavo: O francês também, professor?

CAFM: O francês eu fui aprender quando ganhei a bolsa. Aí eu fui... Cheguei a sonhar em francês, que é o momento em que você realmente está sabendo uma língua. Inglês... eu escrevi artigos em inglês. O melhor trabalho que eu tenho, que foi publicado no Japão, eu escrevi em inglês. Quando eu voltei, tinha um garoto, um rapaz judeu rico, que era... Como é que você diz? O que foi, meu filho? O que eu estava falando?

Gustavo: Que o senhor fez um trabalho no Japão e tinha um colega...

CAFM: Aí... Meu Deus! Ai, que coisa triste, mas... Já me ajuda o que eu estava dizendo.

Vicente: Do texto da...

Gustavo: Os trabalhos em inglês.

CAFM: Ah, sim. Sim. Eu digo... Ah, eu fiz o vestibular. Eu me lembro como se fosse hoje. Caiu um texto de Aldous Huxley bem difícil. Mas eu fui, fiz essa prova, fiz as outras, Geografia, História. A Conceição Vicente de Carvalho. Eu disse que era uma geógrafa, foi a primeira que fez doutorado no Brasil, foi ela. E...

Vicente: Esse vestibular era para a Faculdade Nacional [de Filosofia da Universidade do Brasil]?

CAFM: Era para a Faculdade Nacional, que ocupava naquele momento a Casa d'Italia [na Avenida Presidente Antonio Carlos]. O governo italiano tinha feito uma casa, onde hoje é perto de um teatro. Porque foi devolvido. Quer dizer, quando a Itália botou o navio brasileiro no fundo, o Brasil tomou o edifício que eles tinham feito para a Casa d'Italia. E, aí, eles foram... Ah, meu Deus. A Faculdade de Filosofia. Então eu entrei para Geografia e História. A minha turma tinha dezessete alunos, a maioria de moças.

Vicente: As mulheres já entravam? Já entravam bastante mulheres?

CAFM: Ah, sim. A grande maioria era de mulheres. Homem, acho que tinha uns quatro. Mas, enfim, a gente fez a faculdade. Tinha uns professores muito bons. Um deles era o grande geógrafo Carlos Miguel Delgado de Carvalho.

Vicente: A gente vai falar sobre ele daqui a pouco.

CAFM: Foi maravilhoso. Tem toda a história dele.

Vicente: Ah, ele deu aula no Rio de Janeiro? E na USP também?

CAFM: Não, ele chegou depois de vinte anos. Porque ele nasceu na Suíça. O pai dele [o diplomata Carlos Dias Delgado de Carvalho] era monarquista. Quando o Brasil proclamou a República, o pai dele jurou que não botava mais os pés no Brasil. E exigiu isso do Carlos. Do filho. Mas, quando ele completou vinte anos, ele disse, nem que eu perca a herança do meu pai, mas eu vou conhecer qual é a minha pátria. Aqui eu estou vivendo num país que não é o meu. Mas eu vou para lá. Aí veio... Não sabia nem português, nem uma palavra. Fez o concurso. E ficou trabalhando lá. E aí foi impulsionar o curso de Geografia, que naquela época era uma novidade, era uma coisa importante. Então ele fez assim. Agora, eu fiz o curso. Passei os quatro anos. Tinha professores de História e professores de Geografia. De História eu fui deixando, porque aí tinha o Francis Ruellan, que era o professor francês, que era orientador no IBGE. E então, eu, aluno do primeiro ano, estava acompanhando as aulas do Ruellan. E ali, aquela coisa da História, que era dar o curso sobre a Antiguidade, e eu via que

a Geografia era muito mais animada. E nesse meio tempo, quando chegou na metade do primeiro ano, o Ruellan, esse professor francês, ia chefiar um grupo que ia fazer uma excursão para o Planalto Central. E então tinha os elementos do IBGE, que eram a Dora Romariz, Nilo Bernardes, Lysia Bernardes, enfim, uma elite dos geógrafos de lá. E nós éramos alunos da Faculdade. Eu era aluno do primeiro ano, havia esses meninos e eu tinha férias. Nessa época eu estava trabalhando numa creche do Ministério da Saúde, do Departamento Nacional da Criança, que eu trabalhava no almoxarifado, um emprego que uma prima minha arranjou para eu fazer⁸.

Izabella: Você tinha família no Rio, então, quando você foi?

CAFM: Eu morava com uma tia, mas depois morei em pensão. Mas, enfim, tinha parentes no Rio. Tinha três tias do casamento anterior da minha avó, que ela casou duas vezes. Então, uma dessas vivia lá e eu ia. No final, tinha uma prima que me arranjou o emprego e a minha tia, que era diretora da escola primária que tem debaixo do Pão de Açúcar. E tem uma coisa do Exército, e esse colégio⁹.

Gustavo: Na Urca, né, professor?

CAFM: Bem na Urca. E ela era diretora até se aposentar. Bom, e eu todo domingo almoçava com elas, as duas tias e a minha prima.

Vicente: Nos interessa entender um pouco essa história do senhor no IBGE, porque aí o senhor falou dessa excursão para o Planalto Central.

CAFM: Nós fomos para o Planalto Central. Trabalhava em pleno, já era, fazia Geografia.

Vicente: Ainda não tinha Brasília...

CAFM: Não, porque o Planalto Central era muito ignorado, não tinha, por exemplo, levantamento topográfico. Então o que a gente fazia nesse grupo, o Antonio Teixeira Guerra trabalhava com o teodolito. E eu fui ensinado a trabalhar com a régua-

⁸ A edição do *Jornal do Commercio* de 17 de novembro de 1945 [[link](#)] traz a publicação da nomeação, pelo presidente da República José Linhares, de Carlos Augusto como escriturário, classe E.

⁹ Carlos Augusto parece se referir à atual Escola Municipal Estácio de Sá, que na época em que estudava no Rio de Janeiro se chamava Escola 1-11 Mem de Sá.

eclímetro. Então, ele ia num caminhão na frente, de lá ele fazia a visada para mim, eu aprendia, era uma coisa fácil, e trabalhava nisso. Agora era uma vida assim, que você amanhecia o dia, você desmontava a barraca, você fazia toda aquela coisa que... quando você estava trabalhando e chegava o Guerra, que era muito caxias, ele queria...

[Izabella abre as janelas]

CAFM: Ah, muito bem, minha filha, lá fora está um calor danado! (risos) Aí a gente fazia, por exemplo, quando acabava de trabalhar, porque já não se enxergava mais para tomar nota, aí é que ia começar o trabalho: a montar a barraca, fazer comida. Depois de comer, tinha que lavar a louça, fazer o relatório. Me puseram junto com a Dora, da Geografia Física. Então a gente descia, depois de comer a gente sentava nas redes e ia fazer o relatório. Aí acontecia coisa engraçada. Tinha um colega de Geografia Humana que dizia assim: “o trajeto de hoje foi caracterizado pela policultura”. E a Dora Romariz dizia assim: “Cruzes! Onde é que tu viste essa porra? Policultura?” Aí ele dizia: “É porque você não prestou atenção. Tinha um mamoeiro, tinha isso, tinha aquilo outro” e a gente se rasgava de rir e fazia caçoada dele (risos). Bom, foi uma coisa que a gente adorou. Correu o estado inteiro e começa que a gente ficou esperando, porque o material, por exemplo, o teodolito, as coisas, os papéis para fazer os inquéritos, tudo a gente chegou e... Perdi. Lá em...

Vicente: No Planalto Central, trabalhando, as noites...

CAFM: Bom, tem uma razão. Por que que o trabalho demorou? Porque o caminhãozão do Exército que levava o material todo, tipo o que eu estava falando, o teodolito. Então a gente fazia...

Vicente: Os relatórios, todos os relatórios, mapeamento também...

CAFM: Aí a gente atrasou, já estava no fim de agosto e eu disse: “Ih, meu Deus, a essa altura eu já perdi meu emprego”. Não deu outra, quando eu cheguei lá eu tinha

perdido meu emprego. Aí é que veio a fada madrinha que foi a Dora Romariz, que foi falar com o diretor do IBGE para nessa época... Agosto de quando? Meu Deus.

Gustavo: 1947.

Izabella: Foi o seu primeiro trabalho de campo?

CAFM: Meu batismo de campo foi aquele fazendo levantamento topográfico e eu cheguei e ela conseguiu e então ficou uma situação maravilhosa para mim, porque enquanto eu trabalhava no almoxarifado do Departamento Nacional da Criança do Ministério, com o emprego que a minha prima tinha me arranjado, eu agora ao ser nomeado auxiliar de geógrafo, eu tinha um horário especial, então eu não perdia mais aula e além de ter arranjado esse emprego, eu trabalhava, ficava até mais tarde, e depois vinha para compensar, porque como eu não podia estar, eu tinha as aulas, eu não tinha o período normal, então eu tinha horário especial, trabalhava mais de noite, trabalhava até oito, às vezes até nove horas, contanto que eu preenchesse as aulas, e ali tive a oportunidade de trabalhar com o José Veríssimo da Costa Pereira, que era um cara que era autodidata, um autor de livros de Geografia muito famoso, com um companheiro que eu não me lembro o nome agora, e assim eu fui fazendo o curso. Quando chegou no último ano eu ganhei, no ano de 1951, eu me formei, aí naquele ano eu ganhei a bolsa que o Ruellan arranjou para França, para ir para lá.

Vicente: Professor, antes de chegar na França, esse trabalho de campo que o senhor foi, lá nessa região do Planalto Central, além da questão física, da Geografia, tinha contato com as populações que moravam lá? Quem eram essas populações? Tinha gente lá morando nessa área que o senhor... lá no Planalto Central?

CAFM: Não, tinha a cidade, cidade que existe... volta e meia a gente encontrava. A cidade mesmo onde a gente esperou, eu não vou me lembrar agora o nome, mas era uma cidade de... uma cidade de que tinha... com uma distância grande, mas tinha as cidades. Uma delas era Ipameri de Goiás, foram para lá de caminhão, de caminhão. Nós fomos de trem até Goiás, havia ainda o trem, havia trem e nós paramos num trem

para esperar o material numa cidade chamada Ipameri, que ainda hoje existe, e a gente parou numa outra, que não era Ipameri, mas o que que eu tinha falado?

Vicente: Do contato, dessas cidades?

CAFM: A gente trabalhava. Tem uma coisa engraçada. O Ruellan marcou quando já era primeiro ou segundo de agosto. Quando nós chegamos lá, a gente vinha empoeirado, sujo. Tinha um hotel. Minas Gerais tinha feito um grande hotel para turismo e nós chegamos lá e diz assim: aqui é o hotel, não me lembro o nome, aí o rapaz disse assim, “É, mas tem outros hotéis aqui” (risos). A gente estava tão sujo! Bom, aí a gente foi, tinha novidades, tinha um tecido que era especial para fazer lençóis e a gente passou aquela noite feito uns nobres, se embrulhando com esse tecido maravilhoso que a gente conheceu lá, mas aí voltamos de trem.

Gustavo: Voltaram do Planalto Central, mas a minha dúvida é se essa expedição que foi chefiada pelo professor Ruellan, de fato, é a expedição que determinou qual seria o sítio [de Brasília]¹⁰.

CAFM: Não, não.

Gustavo: Então foi uma entre várias.

CAFM: Não teve nada, teve até um equívoco, um filho do Ruellan... Ah, porque o Ruellan juntou o material todo. Nessa expedição não, não era, porque havia outras expedições. Havia uma com o alemão, que era assistente técnico, aquele que estudou a colonização alemã e italiana no....

Vicente: Leo Waibel. Ele participou?

CAFM: O Waibel, eu fiz uma excursão com ele para o Espírito Santo, porque ele fez todo o programa dele para o Sul, com os alemães e italianos, mas a Alemanha tinha colônia no Espírito Santo, na parte da montanha.

¹⁰ Sobre a expedição, podem ser lidos os textos: 1) *Quelques problèmes de l'expédition chargée de trouver des sites pour la nouvelle capitale fédérale des États-Unis du Brésil*, de Francis Ruellan [[link](#)]; 2) *Brasília — uma expedição injustiçada*, de Cybelle de Ipanema [[link](#)]; e 3) *Notícias sobre alguns estudos geográficos que antecederam a criação de Brasília*, de Dora de Amarante Romariz [[link](#)].

Vicente: Ah, os pomeranos.

CAFM: Isso. Eu conheci o esqueleto do Espírito Santo todo naquela coisa. Então foi a excursão... O alemão que ganhou de presente essa coisa, o Walter Egler, ele era agrônomo, mas ele se dedicava à botânica e morreu no Tocantins.

Vicente: Ah, numa excursão?

CAFM: Ele não queria perder o material que ele tinha coletado, coitado, e os caboclos diziam para ele: "Salta, doutor! Salta, doutor!" E ele segurando, acabou morrendo numa cachoeira. Acabou morrendo, desceu o rio¹¹. E era um grande amigo. Eu fiz essa excursão do Espírito Santo, só ele levou... foi um... como é que se diz? Um prêmio que deram a ele. Que o alemão, ele disse que precisava de uma pessoa que falasse alemão, porque ele não se cansava muito. Depois ele apanhou ameba na África e ele era cheio de mazelas.

Vicente: O Waibel?

CAFM: O Waibel. Aí ele, bom, não teve nenhuma daquelas excursões que a gente fez... Elas podem ter ajudado um pouco. Uma delas achava o seguinte: que a capital no Centro-Oeste, joia, está tudo muito bem. Agora, não precisa ser a cidade no umbigo do Brasil, podia muito bem ser interiorizada, mas não no umbigo do Brasil, podia muito bem ser perto do Triângulo Mineiro, porque tinha cidades importantes, três cidades importantes e então a capital podia nascer ali, mas claro que o Juscelino queria era no umbigo mesmo.

Gustavo: E foi o que aconteceria na década seguinte.

CAFM: Quando nós trabalhávamos lá, a gente conheceu o Bernardo Sayão, que era um agrônomo.

Gustavo: Ele morreu também num acidente.

CAFM: Caiu uma árvore em cima dele, quando ele passava para a colônia agrícola que ele chefiava, ele ia e vinha para Goiânia, e era um cara muito simpático. Aquele homenzarrão imenso, e ele perguntava se a gente queria alguma coisa, se estava

¹¹ Walter Alberto Egler faleceu em 28 de agosto de 1961 no rio Jari, que limita o Pará e o Amapá.

faltando e tal, que ele ajudava. Era muito simpático. Quando eu soube que ele morreu, eu fiquei triste. Eu tenho até um retrato dele no meu escritório: ele, o Guimarães Rosa, o escritor nosso, e mais o filósofo francês que eu não vou lembrar agora [Albert Camus].

Gustavo: Professor, é isso que eu ia comentar agora, porque quando houve essa expedição com o professor Ruellan e o professor [Hilgard O'Reilly] Sternberg fez uma outra expedição, ao mesmo tempo, com o Guimarães Rosa para o Pantanal.

CAFM: O Sternberg foi meu professor e ele era detestado pela esquerda. E então, quando uma professora levou um sopapo, ele foi-se embora para a Califórnia e ficou lá o resto da vida.

Gustavo: Em Berkeley.

CAFM: Em Berkeley. E ele, ao contrário, quer dizer, como ele era, tinha medo do comunismo que só ele, então.

Paulo: Mas ele era brasileiro mesmo?¹²

Gustavo: O senhor então conheceu o Guimarães Rosa?

CAFM: Não, o Guimarães Rosa, não conhecia. Passei na frente quando ele tomou posse [na Academia Brasileira de Letras], e depois que ele tomou posse, morreu. Ele tinha inclusive a superstição de que quando ele tomasse posse, ia morrer. Tanto é que ele não queria. Mas o presidente já dizia: “Você está atrasando toda a nossa programação, deixe de superstição e venha tomar posse”. Ele foi e morreu, logo depois.

Gustavo: Isso em 1967.

CAFM: Agora, eu participei da Semana Roseana na terra dele, Cordisburgo. Escrevi uma porção de artigo também sobre a obra dele, o encontro dos meninos, tem uma

¹² Hilgard O'Reilly Sternberg nasceu no Rio de Janeiro em 1917 e faleceu em 2011 em Fremont, Califórnia.

porção... Me deram até o cidadão honorário de Cordisburgo, que eu tenho ali nos meus álbuns¹³.

Gustavo: Eu não sei se o senhor já leu esse artigo. Ele explica, ele conta a história dessa expedição que o Sternberg e o Guimarães Rosa fizeram em Mato Grosso em 1947¹⁴. Pode ficar com o senhor.

CAFM: Você sabe que o Sternberg, o pessoal não gosta dele? Ele vinha todos os anos à Amazônia, ao Centro-Oeste, ele vinha sempre, e em Berkeley eu o visitei várias vezes, toda vez que eu fui aos Estados Unidos, a Califórnia, eu ia a Berkeley para visitar. A mulher dele fazia uma feijoada para os alunos dele, e ele tinha propaganda do Brasil pela parede. Eu sempre gostei dele e achava que ele era um bom geógrafo. Ele tem um trabalho que eu toda vida dava para os alunos, era um episódio meteorológico que fez muito movimento de solo em Minas, estragou aquilo tudo. Ele fez um trabalho primoroso, ele explicou o clima, o acidente climático que era, fez tudo, tudo, tudo. Eu toda vida indiquei esse artigo dele¹⁵, ele também não me largava. A tese dele sobre Manaus, a bacia leiteira... ele fez um estudo sobre aquele pedaço, como é que se chama? Meu Deus, a capital do Amazonas...

Paulo e Vicente: Manaus!

CAFM: Como é que eu estou? Pode acender a luz, e a gente... [Fala com Cleusa, sua funcionária] Você conseguiu fazer um milagre (risos), fazer um lanche para os meninos. Eles vêm numa hora que devem estar com fome, coitados. Agora vamos nos aproximar, é mais para tomar uma coisinha para refrescar.

[Nesse momento, é feita uma pausa para um lanche servido pelo professor. A gravação volta quando o assunto era sua relação com geógrafos soviéticos].

¹³ O professor Carlos Augusto recebeu a Medalha “João Guimarães Rosa” da Câmara Municipal de Cordisburgo em junho de 2006.

¹⁴ O artigo é “Expedição a Mato Grosso, 1947: geografia, paisagem e lembrança”, de autoria de Joana Passi de Moraes (O Eixo e a Roda - Revista de Literatura Brasileira, v. 27, n. 3, 2018). A tese de doutorado “Lembranças de Sol, Sul e Rosa: uma expedição ao Pantanal e seus arquivos”, da mesma autora, foi defendida em setembro de 2022, e está disponível em <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.61174>. O texto menciona Carlos Augusto.

¹⁵ O texto é provavelmente “Enchentes e movimentos coletivos de solo no Vale do Paraíba em dezembro de 1948 — Influência da exploração destrutiva das terras”, publicado na Revista Brasileira de Geografia, v. 11, n. 2, abril-junho de 1949.

CAFM: (...) Fazia questão de fazer a reunião todo ano, era uma maneira dele sair da Rússia, que era socialista naquela época. Se bem que ele, como cientista, tinha todo o bom tratamento.

Vicente: Como era o nome dele? O senhor lembra o nome dele?

CAFM: Gerasimov. Ele fazia um trabalho bem feito. Tinha um rapaz que era secretário dele, uma vez, disse que veio uma reunião de turismo no Rio de Janeiro e foi no Conselho procurar por mim, e eu infelizmente estava viajando, perdi o encontro. Era um rapaz que andava muito bem vestido, ele comprava as roupas... Depois ele me contou que era dos países escandinavos ali e andava sempre impecável.

Vicente: Ele era geógrafo?

CAFM: Era, era geógrafo.

Vicente: De que área? Climatologia?

CAFM: Não, era pedologia. Ele foi aluno do pai da pedologia, que eu não me lembro agora o nome.

Vanessa: É Dokuchaev.

CAFM: É Dokuchaev.

Vanessa: Isso.

Vicente: A gente está aqui com uma pedóloga [Vanessa]

CAFM: Você aprendeu aqui ou em Portugal? [Ele se refere a um intercâmbio que a entrevistadora fez na Universidade do Porto, sobre o qual se falou em off].

Vanessa: Aqui.

CAFM: Deve ter sido algum aluno do [José Pereira de] Queiroz [Neto], não?

Vanessa: Foi o Francisco Ladeira [professor de Pedologia da Unicamp].

Vicente: Que foi aluno do Queiroz.

CAFM: Queiroz, uma vez, a gente teve um... E eu disse para ele: "Queiroz, você me desculpe, mas você é o único professor aqui nesse departamento que tem assistente". Porque os alunos dele eram vassalos. O Queiroz tem a política de ter aquela turma em volta dele. E eu disse: "você é o único professor que tem assistente".

Gustavo: Professor, como que foi, para o senhor, esses anos na França, ainda muito jovem, com vinte e cinco anos? Como é que foi esse período? Quem foram seus professores na Sorbonne?

CAFM: Esse período foi bom. Eu ganhei a bolsa porque o Ruellan, que tinha prestígio, naquele ano, me escolheu. E eu estava sozinho. Quando eu estive lá, o Ruellan me botou no *Jardin des Plantes*. A gente atravessava e ficava um laboratório que tinha geomorfologia, que o chefe era o Ruellan, apesar de estar no Brasil, e os alunos tinham o curso que ele passava quando vinha, ele passava dois meses e então ele orientava os alunos lá. E o que mais? Ah, eu todo dia atravessava o *Jardin des Plantes* e depois fazia a observação de campo, da geomorfologia da coisa e depois, naquela época, estava na moda fazer estudo de sedimento. Sedimentologia. Então, a outra coisa que me mandaram foi fazer... Ir um pouco para a Bretanha. Aí na Bretanha, como era litoral, tinha outro... Não, não, não. Esse outro, era o outro lugar que eu tive que fazer curso de sedimentologia. Foi em Rennes, a cidade de Rennes. Nunca me esqueci. Tinha um jardim enorme, com aquela coisa da... Aquela árvore imensa e lá fazia o curso com o Berthois, Léopold Berthois, que era o craque, a vedete do estudo da sedimentologia. Naquele momento, estava todo mundo vidrado na sedimentologia, sobretudo aplicada à geomorfologia. Então, me deram um tema de uma possível...

Gustavo: Pesquisa?

CAFM: Não, era... Fazer um estudo de geomorfologia em que, ah, havia uma hipótese de que naquela configuração atual tinha, no passado, havido uma... figura tão normal na geomorfologia. Como é que eu estou me esquecendo? Eu sei que tinha uma hipótese, que se eu metesse a sondagem para coletar o sedimento, eu poderia favorecer a tese e ser positivo ou negativo o fato da... O fato da... Oh meu Deus! O fato da... Como é que chama essa coisa elementar na geomorfologia? Não sai... Eu sei que esse trabalho eu fiz e não tinha a sondagem para eu mobilizar, mas eu fiz uma sequência de geomorfologia e os sedimentos superficiais. Eu me lembro bem que naquela época estava na moda na Bretanha, por exemplo, de ver que o sedimento superficial era todo de origem glacial. Era a parte de cobertura de... Em cima de todos aqueles... E eu ia lá, fiquei... A escola de agricultura de Rennes era muito boa, mas ela já ficava na saída, e tinha uma coisa interessante, que todo dia eu almoçava num restaurantezinho que tinha bem ali no lugar onde os camponeses vinham comer. E aí ele me explicou que esses restaurantes... Quer dizer, que no sistema francês, um camponês, ali, ele ia para herdar uma coisa que um avô tinha deixado para ele, então ele estava a uma certa distância. Outra vez, ou no outro episódio, o outro ganhava de outro parente, ganhava outra coisa. Então... O como é que se chama? A distribuição dos campos de cultivo era bastante atrapalhada, porque havia aquelas coisas todas e eles na França, naquele momento, um dos problemas da agricultura era justamente tentar aproximar aqueles terrenos possuídos por uma pessoa, porque senão um tinha uma coisa aqui, o outro lá, o outro lá, e ficava muito difícil para administrar. E era... Rennes era uma cidade muito boa, depois eu vi fotografia, que passava no trem para ir para a Bretanha, para... Ah, Bretanha já... Rennes já é Bretanha, era... Qual é a cidade mais importante do litoral? Que é... Coisa de turismo. É a cidade mais famosa da Bretanha...¹⁶ Não vou lembrar. Toda vez que eu ia para a Europa eu tinha que passar na Bretanha, tinha que passar na França e eu podia ter ido conhecer muito mais a França, porque eu podia ir agora para uma região, ora para aquela dos vinhos, ora para Marseille, mas eu ia sempre fazer a mesma coisa, ia para Rennes para visitar o meu mestre. Ele morreu, eu ia visitar a madame Ruellan, e aí, depois que ela morreu, os filhos, aí, eu já não fui mais. Mas eu podia ter conhecido muito mais da França se

¹⁶ O professor Carlos Augusto provavelmente se refere à cidade de Brest ou à cidade de Saint-Malo, está na foz do Rio Rance. Na outra margem da foz está Dinard, onde Francis Ruellan, que lá mantinha um laboratório de geomorfologia costeira, faleceu em 1975.

eu não fosse tão grato, assim de ficar repetindo, repetindo, mas paciência, é o meu jeito, né?

Vicente: Aí, mas o senhor manteve relação com os franceses, depois, os professores. O professor Armen falou que o senhor tinha um grupo, um grupo de Paris ligado à Embaixada Brasileira. Como foi essa relação com os brasileiros lá, quando o senhor estava em Paris? Não sei se nesse momento, mas depois...

CAFM: Não, eu... Eu em Paris tive uma coisa é a seguinte, que era o Instituto de Geografia era no Quartier Latin, num lugar perto, e eu fiquei... A preocupação era lugar, porque o Departamento de Geografia tinha um prédio não muito vasto, tinha uma sala em que a gente assistia a aula, mas era muito cheio de coisa, se você não chegasse cedinho lá no anfiteatro, você não tinha lugar para sentar, ou então você ia se sentar em cima do sapato daquele outro que estava sentado ali (risos). Era uma loucura. Eu digo, não, eu vou procurar uma hospedagem aqui perto. Aí na rua que exatamente ia desembarcar do Departamento, eu vi um barzinho que estava recém-pintado, ajeitadinho, e que tinha quartos para alugar, mas não tinha aquecimento. Eu digo, bom, eu vou ficar mesmo sem aquecimento, eu boto álcool, é perigoso, mas é o jeito, porque está bem pertinho do Departamento, eu vou ficar por aqui. Aí foi ótimo, eu fiquei na continuação daquele *boulevard* que vem de trás da... Como é que chama? E naquele trecho meu, a rua estreitava, antes ela era larga e até passado daquele lugar...¹⁷ Não vou lembrar o nome. Eu sei que tinha o... Em frente ao hotelzinho que era o bar, tinha umas... Uns restaurantes, tinha um restaurante húngaro, tinha outro, não me lembro de quem era. Mas tinha... Eu não me atrevo a falar... Vê se me lembra aí o que eu estava dizendo.

Vicente: Ah, de Paris, a rua que só...

CAFM: Ah, sei, sei, sei.

Gustavo: Em Paris, professor, o senhor costumava, como a gente diz, *flanar* assim, andar, perambular, frequentava teatros?

CAFM: Ah, sim. Paris é a cidade melhor do mundo para você bater perna (risos). Andava, andava, andava. Subia ponte, descia ponte. Não cansava nunca. Quer dizer,

¹⁷ Talvez Carlos Augusto se refira à Rue Saint-Jacques.

eu morava no Quartier Latin, que era bem no Departamento de Geografia, mas era muito bacana, e depois a gente conhece da literatura e de coisas. Então a gente ia para o Champs-Élysées. Não a avenida, o Champs-Élysées verdadeiro, que tem o Champs-Élysées e depois a Avenue des Champs-Élysées, que é a avenida. Mas a França é maravilhosa.

Vicente: Como era a França dos anos 1950?

CAFM: Os franceses, a gente... Porque eles, às vezes, são malcriados. Ah, não, e depois da guerra eles davam toda a desculpa que era por causa da guerra. Eu digo, ah, meu filho, aí é que você se engana, porque muito mais do que vocês, sofreu a Inglaterra. Londres, naquela época você já tinha até o *know-how* de ajeitar os malfeitos nas edificações, por exemplo, uma casa que tinha sido derrubada, eles não podiam no momento deixar no ideal, eles faziam uma coisa de madeira atrás, botavam aqui um banco ou então uma coisa de flores um arranjo qualquer, porque não podia, por exemplo, perto daquela igreja que tem uma área imensa, aquilo tudo tinha sido varrido não tinha nada. Os alemães deixaram só a Catedral de São Paulo... E então, na França, eles viveram muito bem com os alemães, depois teve gente que queria perseguir as atrizes que tinham representado para os alemães. Teve muita diferença entre a Inglaterra, que sofreu mesmo, e a França, que foi dominada e viveu com os alemães. Às vezes, tinha uma turma que fazia mal para eles, mas é interpretação, sempre eles tiveram rivalidade. Os ingleses e os franceses. Os franceses mais com os ingleses. Eu gosto muito da Inglaterra. Toda vez que eu ia, eu dava um jeito de passar lá, porque eu adoro teatro e eles tem um teatro maravilhoso, atores incríveis. E aquela coisa da monarquia, que é uma coisa desatualizada, mas afinal de contas, para eles é uma coisa extraordinária, eles acham aquilo como uma coisa sagrada.

Vicente: Voltando ao Brasil, a gente está vivendo um momento difícil no Brasil. Você está acompanhando aí tudo, né? O senhor viveu o momento da ditadura militar, dava aula na USP. Como foi esse período?

CAFM: Ah, esse período, meu filho, eu dei minhas aulas. Era essa que era a graça, todo mundo dizia que... Porque eu sempre fui um burguês, né? Eu me vestia bem, porque eu viajava, comprava minhas roupas em Paris. Então... Tinha o que ver. "Onde é que você vai? Tem alguma defesa de tese?" Eu digo: "Não, por quê?" "Porque você está todo engravatado". Eu digo: "Não, é respeito a meus alunos. Eu estou vestido de gravata com paletó que eu comprei no Lanvin, em Paris, é para agradar a meus alunos". Porque eu acho horrível como um colega que tinha no Departamento, que ia de sandália havaiana, camisa para fora das calças e sujo. E os alunos apelidaram de Sujismundo. Eu digo, "Eu não serei o Sujismundo daqui". É atenção aos meus alunos. Um professor que entra arrumado, direito, para dar uma aula para eles. A May Modonesi dizia: "Você, no dia em que dava aula, ficava de pacto com o demônio". Ela dizia: "Olha, não mexa com ele, porque ele tem aula hoje, quando ele tem aula, ele fica doido, vai desenhar no quadro". Esse era o julgamento que os colegas faziam. E quando chegou na Revolução, a única pessoa que foi chamada fui eu. Fui chamado para prestar esclarecimento diante do DOI-CODI, não sei como é que chamava aquele lugar. Eu como estava dando aula para um curso de climatologia urbana, era exatamente a cidade, o clima, aquelas coisas, e eu estava dando aula como sempre, vestido com meu paletó, que foi um italiano de São Paulo que fez, que era elegantíssimo. E eu estava dando aula, a sala estava cheia, porque além dos alunos [do curso de Geografia], normalmente tinha arquitetos, tinha aquele...um judeu famoso... de lá do... Não vou lembrar o nome. A Maria Adélia foi uma que estava lá assistindo a aula. Era climatologia urbana, e eu estava dando aula e via que naquela janelinha que tem, tinha uma pessoa que era... quando eu virava assim, era sempre a mesma.... Quando foi a hora do intervalo, eu saía assim e aquele senhor, que estava lá, barbado, disse assim: "Professor, eu estava vendo o senhor dar aula, eu esperei o senhor chegar ao intervalo para convidar o senhor para nos acompanhar, porque nós tivemos a missão de que o senhor dê uma explicação ao delegado não sei o que lá". Eu digo, "Não, pois não". Foi a história de uma menina que tinha feito uma arte e, para não ser presa, fugiu para o Rio de Janeiro e tinha reaparecido. Então ela tinha que ser presa, e nesse momento todo mundo no Departamento sabia que ela estava sendo

procurada pela polícia. E eu estava com meus alunos de pós-graduação no laboratório, conversando no intervalo, tinha acabado de tomar café e tinha visto, conversando, que tinha a DOPS, que estava procurando um colega, que eu não vou lembrar o nome agora, porque essa menina que estava sendo procurada estava inscrita no curso dele. A polícia foi perguntar, e como ele era contra a ditadura: “O senhor tem o endereço dessa moça?” Ele disse... “Não tenho”. “Mas como? O senhor é professor e não tem o endereço dela?” Ele disse: “Tenho, mas mesmo que tivesse, não ia dar para você”. Aí, então, na conversa da nossa porta, estava se comentando isso, que o DOPS estava atrás daquela menina que era meio adoidada, e, de repente, no meio dessa conversa, quem é que aparece lá, fumando cigarro? A dita cuja! Que vai subindo a rampa... Aí disse assim: “Menina, menina, está chegando lá... e a DOPS está lá no café do português... Aí diz assim... “O que a gente faz?” Eu digo: “Não sei, se você for passar naturalmente por ali, sem olhar... você diz assim... Fulana, te manda!” (risos). Aí a menina foi e fez aquilo. Eu disse: “Estão te procurando”, e aí ficou quieta. Ela, quando foi presa, disse: “Quem mandou eu fugir foi o professor Carlos Augusto!”. Aí eu sei que quando eu cheguei na Reitoria, a oficial de gabinete já estava me esperando e disse assim: “Professor, o senhor faz o favor de pegar esse telefone e falar com o Gabinete do Reitor, porque estão dizendo que o senhor foi apanhado de soco de espingarda, de fuzil...” Como é que se chama?

Gustavo: Coronhada.

CAFM: Coronhada. O que é um exagero. “Aí o senhor entrou, o senhor foi maltratado?”. Eu disse: “Não, eles vieram conversando normalmente, e eu conversando com eles também”.

Vicente: E eles queriam saber o quê?

CAFM: Aí ele telefonou para lá e não falou direto com que foi o reitor quase que a vida inteira da USP... Como é que se chama? Qual é o reitor da USP que levou mais tempo?¹⁸ Não lembro. Não sei. Eu sei que eu fui a única pessoa que foi ao DOPS.

¹⁸ O reitor da USP na época era Miguel Reale.

Gustavo: Em que ano foi isso, professor?¹⁹

CAFM: Ah, meu filho, agora eu não vou lembrar... vai ser difícil.

Vicente: Já era a década de setenta, não é? Já era setenta, o período mais duro da ditadura.

CAFM: Ah, foi naquela época que era maior.

Vicente: AI-5, nesse período?

CAFM: Eu não me lembro... Eu sei que o ano setenta foi um dos anos mais rigorosos, não foi?

Vicente: Isso.

CAFM: Mas eu me lembro dos anos 1970, as coisas de teatro, de concerto... Bom, eu sou uma pessoa que nunca me incomodei com política. Desde o tempo do Getúlio, eu era contra, porque a gente era criança, Teresina... Cada hora que o ditador filial do Estado... Tinha o geral, e em cada Estado tinha um ditadorzinho mirim. Então, a gente sofria, porque com o calor de Teresina, a gente tinha que ficar fardado, arrumado de gravatinha, batendo bandeira, porque o ditador tinha conseguido uma coisa vantajosa para o Piauí, então a gente ia bater bandeira do Brasil...

Vicente: No sol?

CAFM: No sol quente, as meninas, as normalistas desmaiando, e aquela coisa ficou na minha cabeça. Quando o Getúlio foi para fora, depois ele veio... Foi votado como professor... Como é que se diz? Não, ele foi deputado, senador, todo tipo de coisa

¹⁹ O episódio, segundo registro do DOI-CODI disponível no Arquivo Nacional [[link](#)], ocorreu em 13 ou 14 de agosto de 1971. Na ficha, consta que o Prof. Carlos Augusto residia na Rua São Carlos do Pinhal, 485, apartamento 85 (no Condomínio Edifício José Figueiredo Jr, em frente ao terreno onde seria construído do hotel Maksoud Plaza) e que foi conduzido ao DOI-CODI por um certo "Dr. David". A aluna em questão era Maria Berta Mendes, cujo nome consta em uma lista de diplomas não retirados na USP como formada em Geografia em 1974 [[link](#)]. O documento menciona ainda a detenção (ocorrida no mês anterior) do casal Leane Ferreira de Almeida, de Otacilio Guimarães Cecchini, do Partido Operário Comunista, e do professor Gil Sodero de Toledo. O documento termina com o seguinte texto: "Que quanto ao convite que lhe foi feito, nesta data, no sentido de comparecer neste DOI e prestar informações, faz questão de consignar que o mesmo ocorreu com muita discrição e, pode-se dizer, com bastante cavalheirismo, porquanto quaisquer distorções atinentes ao fato, as mesmas não terão fundamento e serão rechaçadas pelo próprio depoente". Maria Berta Mendes Gabriel ficou presa de 11 de agosto a 6 de outubro de 1971 [[link](#)] e faleceu em maio de 2011.

para lá. E eu, nessa época, fui ver com uns amigos... o resultado da eleição, o que estava dando, num prédio que não existe mais, na Praça José de Alencar, ali no Flamengo, o Hotel dos Estrangeiros. E esse hotel, hoje em dia não existe mais, derrubaram. Mas é naquele dia que o Getúlio veio com toda a coisa, e eu tinha raiva do Getúlio. Aí eu digo: "Olha, para mim, política encerrou aqui. Não quero mais saber". E quando foi até os anos 1980, eu votava. Agora não voto mais. Está uma bagunça total.

Gustavo: Quando o Getúlio se matou, o senhor morava no Rio, não é? Em 1954?²⁰

CAFM: Eu tinha vindo da França. Nessa época, já tinha chegado, estava num apartamentinho pequeno, no Leblon, que naquela época estava vazio, não era esse Leblon de hoje. Eu aluguei num edifício que se chamava Maracanã²¹, porque ele era grande, tinha dois pisos, mas era muito grande. Quando foi um dia de manhã, que eu ouvi o rádio do vizinho, ele estava dizendo que o Getúlio tinha se suicidado. Aí começou a loucura.

Vicente: O senhor teve uma relação com o AGB também? Como foi essa relação?

CAFM: A AGB estava muito necessitada, porque havia, por exemplo, pessoas intelectuais importantes que faziam parte da AGB, embora eles prestassem aquele serviço naquele momento. E depois foram relaxando. Por exemplo, Caio Prado Júnior, foi fundador da AGB. Mas ele estava... não ia mais às reuniões. E ele tinha um grande amigo, por causa da... Eles eram... como é que chama? Comunistas.

Vicente: Partido Comunista.

CAFM: Para dizer a palavra certa. A gente... Ele não comparecia mais às reuniões da AGB. Aí, em 1962, que foi o ano do meu primeiro sucesso, ele convidou... Eu tinha sido eleito sócio, porque tinha um sócio que não tinha trabalho publicado ainda, era um... não me lembro qual era o termo que usava. Mas o Manuel Correia de Andrade era amigo dele e resolveu que naquele ano, em Londrina, ele foi eleito presidente, em

²⁰ Em julho daquele ano, aos 27 anos de idade, Carlos Augusto havia sido professor de Geografia Física do Curso de Informações Geográficas do Conselho Nacional de Geografia, junto de Antonio Teixeira Guerra, Lysia Bernardes e Walter Egler.

²¹ O Edifício Três Irmãos, ou Maracanã, está localizado na Rua Humberto de Campos, 827.

1962, então ele ia fazer todo o esforço para que o Caio Prado voltasse a frequentar a AGB. Principalmente numa região que tinha imensos problemas sociais. Havia no Delta a cultura do arroz, que era uma miséria. Até a professora da escola primária se metia na água para catar o arroz. Hoje em dia não tem absolutamente... tentaram fruticulturas, dizem que havia plantação de pimentão. Nada deu certo.

Vicente: O Delta do São Francisco?

CAFM: Delta do São Francisco. E houve a reunião. Então ele me convidou, porque uma vez a gente teve uma relação no Rio Grande do Sul, ali na cidade Santa Maria, da Boca do Monte. A cidade subia assim, e tinha em cima uma cidade que a gente fez a pesquisa, chefiada pelo... não era o Manuel Correia, era um outro, gaúcho²², que a gente subiu para lá. E eu sei que me encarregaram de fazer a parte urbana da cidadezinha que tinha lá em cima. E eu me lembro que eu fui... me encarregaram de fazer a parte urbana. E eu fiz, e Manuel Correia, que estava no grupo, de lá de cima da serra, gostou de mim. E quando foi no ano que ele foi eleito sócio efetivo, que ele me convidou para fazer a parte da cidade lá. E ele gostou do meu trabalho e me convidou na assembleia que ele ia organizar, que era a de 62, convidou o Caio Prado, que aliás foi uma criatura simpaticíssima. Ele estava deitado numa rede, que a gente via daquele jeito como dava, né? E ele estava ao longo, assim, da rede. Aí eu bati aqui do lado dele e disse assim: "Professor, eu vou lhe dar um conselho. O senhor está na posição errada. Assim o senhor vai fazer mal à sua coluna. O senhor faça assim, transversalmente, que o senhor fica nordestino, fica bem..." Aí ele fez isso, depois a gente... E ele foi nesse grupo, e eu corria para um lado, corria para o outro, porque tinha que catar dados e opiniões dos membros da equipe, e depois eu tinha que pegar aquela monteira de trabalho e fazer uma síntese. Foi o meu primeiro sucesso. Foi ali que eu recebi um trabalho imaginando, gente como o Caio Prado, Orlando Valverde, vários geógrafos da primeira linha, e eu fiz uma exposição oral. A Dora Romariz diz assim: "Por que você está se lastimando assim? Você pega o relatório da equipe de geomorfologia, de climatologia, disso, disso, disso". E eu: "E o

²² A Assembleia Geral de Santa Maria da AGB aconteceu em julho de 1958.

palhaço aqui, o que vai fazer? Eu tenho que fazer uma síntese disso". E fiz um quadro que fez sucesso, e foi o ano do meu sucesso. Foi o ano de 1962²³.

Vicente: Foi um texto? Foi um livro? Essa síntese que foi o quê? Um texto que depois você publicou? A síntese?

CAFM: A norma era que o chefe do grupo, que eram três grupos, era que eles... O que eu estava falando?

Vicente: Da síntese, o texto, o trabalho.

CAFM: Ah, sim. Eu fiz uma síntese com o quadro, uma coisa que o pessoal gostou muito. E o Caio Prado ficou... Eu disse assim, vocês que tiraram fotografia, me mandem, porque eu quase não tirei fotografia, porque eu tomava nota, estava vendo o arroz alto, estava em cima do planalto, estava aqui, estava lá. Então estava difícil. Mas então eu fiz a exposição que fez esse sucesso. E a outra coisa que eu, junto com a Dora Romariz, que era a diretora dos Anais, eu disse assim: "Dora, eu faço questão absoluta que a gente publique o relatório que eu dei. Eu vou agora para Rio Claro, que eu estava lá. Eu vou fazer toda a força para redigir, com a revisão, com tudo. E depois eu quero que isso seja publicado ainda no ano de 1962". E a Dora Romariz, minha fada madrinha, fez todo o possível e a gente conseguiu fazer. Ainda hoje, acho que foi Alagoas, eu não me lembro qual foi o estado do Nordeste, não era... Não, acho que foi Alagoas, que era bem no delta do São Francisco.

Gustavo: Penedo, não é?

CAFM: Penedo. Penedo, que foi do outro lado do Rio, tinha uma fábrica de tecido que era de um milionário de lá, daquela coisa. Mas era Penedo, a sede da coisa, porque começava lá do Sergipe. Mas Penedo era da...

Gustavo: Alagoas?

CAFM: Tinha uma fábrica de tecido de um chefão lá, de um milionário. Que horas, são, crianças? Áí tem mais. Que horas são, crianças?

²³ O trabalho mencionado é “Aspectos Geográficos do Baixo São Francisco”.

Gustavo: A gente está conversando ainda sobre os anos 1970, não é, professor? Na verdade, bom, eu não sei o horário, mas a gente poderia continuar aqui.

CAFM: Não, é porque, eu, por mim, vou enquanto vocês quiserem. Agora, é que vocês também são seres humanos. Vão aturar um velho...

Gustavo: Imagina, professor. Essa é uma dúvida pessoal minha: o senhor é muito conhecido pelos seus desenhos, não é? A gente até comentou aqui. O senhor tem formação em Belas Artes? Como foi que o senhor começou?

CAFM: Nada, nunca estudei desenho na minha vida.

Gustavo: O senhor nunca estudou desenho?

CAFM: No ginásio, na cadeira de desenho, a professora só ensinava a gente a fazer moldura para elaborar algum trabalho, de coisa... Então, a professora de desenho fazia aquilo. A gente fazia o verde-amarelo, a bandeira e outro assim. Mas desenhar mesmo, eu fui tentando, tentando, tentando, eu hoje faço um bloco diagrama, modéstia à parte, que são muito bons. O melhor de todos foi um que eu fiz para Bahia, qualidade ambiental. Até a convenção está em terceira dimensão. Só que, quer dizer, foi um projeto que eu ajudei lá na Bahia. Porque teve uma coisa assim. Uma aluna veio da Bahia e fez mestrado comigo. Quando ela voltou, fez o mestrado e foi aprovada, voltou para Salvador e ganhou um emprego na Secretaria de Agricultura, Pesquisa, não sei o que lá. E ela veio me visitar e convidou: "Professor, eu agora estou na Secretaria de Agricultura, não sei o que lá, coisas assim, a gente queria muito que o senhor fosse orientar os projetos para nós. Nós não estamos nem sabendo o que a gente vai fazer". Aí eu digo: "Bom, eu vou ver. Eu vou ver por que eu sou professor de tempo integral. Eu não posso, assim, ir diretamente participar de coisas de lá de vocês. Mas, em todo caso, eu gostaria muito". E eu briguei uma vez com o CNPq. CNPq não, aquele do Estado de São Paulo.

Vicente: FAPESP.

CAFM: E a FAPESP. Porque eu recebi trezentos reais para fazer uma pesquisa sobre a qualidade ambiental na carta de... Ai, meu Deus, não vou lembrar. Bom, eu disse assim, mas eu gostaria muito de orientar, assim, uma coisa. Aí nós fomos.

Vicente: O senhor ajudou também vários programas de pós-graduação no Brasil, né? Fundação de programas de pós-graduação em geografia.

CAFM: Alguma coisa eu fiz, eu fiz muito na Bahia. Inclusive recebi uma carta da Comissão de Tempo Integral: "O que o senhor tanto faz na Bahia?" Aí eu respondi, "Aa Bahia, que eu saiba, é Brasil. Eu gostaria muito que o próprio estado onde está a minha universidade fosse me solicitar que orientasse algum projeto, alguma coisa. Nunca recebi nada. A Bahia me convida, e a Bahia é Brasil, e eu vou enfrentando a Comissão de Tempo Integral". Nunca mais eles me disseram nada. Mas entre 1965 e 1975, eu orientei uns quatro projetos na Bahia. Um na Chapada Diamantina, que na época era ainda meio selvagem, tinha o resquício daquela área da exploração de minério, que foi importante lá. E ao longo ali, onde tem Paulo Afonso, parecendo o Oeste dos Estados Unidos, com aquelas figuras grandes. Era um projeto de turismo que estava na estrada para Brasília. Mas fiz um outro. Ah, fora os de Clima. Eu tenho uma mania da minha climatologia, e eu nunca usei dado avacalhado, assim. Para mim, pode ser menos. O trabalho de Rio Claro, eu tinha dezessete postos de estação. Porque eu acho que não tem sentido você pegar um trabalho de climatologia e usar uma estação que tem trinta anos, uma outra que tem três, uma outra que tem um ano e meio, que começou. Então, isso pode dar uma coisa boa? Não dá. Você tem que ter coisa. Então, o [José Roberto] Tarifa fez os projetos de temperatura, chuva e... O que era mais? Eu sei que ele fez três coisas, a normatização dos dados, que é uma coisa importante.

Vicente: Talvez, se o senhor mostrar para a gente um pouco dos desenhos. Talvez mais uma pergunta. Você tem mais aí, Gustavo?

Gustavo: Eu tenho várias, na verdade (risos). Mas estou preocupado com o horário.

CAFM: Porque o escritório está uma zona completa!

Gustavo: Você falou que tem os desenhos lá, não é?

CAFM: Não, eu quero mostrar a...

Vicente: Mas acho que antes de o senhor mostrar...

CAFM: Eu tenho outra coisa para mostrar, que é as excursões que eu fazia no exterior. E uma das melhores que eu fiz foi da Austrália. Eu sempre gostei da Austrália²⁴.

Vicente: E aí, como foi essa experiência na Austrália?

CAFM: Ah, eu adorei a Austrália. Vi o possível, demorei muito tempo. Na Austrália, agora, as moças brasileiras estão indo para lá para casar, porque lá tem mais homens do que mulheres (risos).

Izabella: Professor, a gente pode voltar aqui para ver seus desenhos quando você organizar seu escritório, alguma coisa? Porque você falou que hoje você não vai mostrar, não é?

CAFM: Claro, minha filha. Sim. Eu não quero mais na vida que tenha alguém que fale comigo. Porque você pensa que alguém vem me visitar? Não.

Izabella: Então a gente vai se comunicando e a gente vai voltar aqui.

CAFM: De colega da Unicamp. Também eles têm o trabalho deles, eu não vou fazer crítica. Mas é bom. Como a [Maria] Tereza [Duarte Paes], que me telefonava às vezes para a gente ir e tal. Mas eu passo semanas e semanas e semanas que não dou uma palavra com um colega.

Izabella: E você às vezes vai em algum lugar? Você gosta de ir até algum lugar?

Vanessa: Aqui na cidade...

²⁴ O professor Carlos Augusto nos mostrou um álbum com recordações de sua viagem à Austrália em 1988. Naquele ano, em Sydney, foi realizado o 26º Congresso Internacional de Geografia, da União Geográfica Internacional, último evento internacional do qual participou.

CAFM: Ah, bom sim. Passear é bom. Porque, inclusive, eu nunca tive automóvel. Mas agora tem um, mas eu nunca botei a mão. Então quando chega a quarta-feira, não. Tem um rapaz que fica de noite, sábado e domingo, para eu não ficar sozinho. Porque a Cleusa, ela trabalha para mim. Quer dizer, segunda-feira é o único dia que ela pode ver problema na casa dela. E tem um neto que mora com ela. Ela tem que deixar comida na geladeira para o neto e tudo. Então, eu não reclamo. Acho justo ela ter isso. E depois tem uma senhora que foi freguesa dela, muito boa, que também ela não tem coragem de deixar, que é o da quinta-feira. E esses rapazes vêm, já são casados e tudo. Eles ficam a ver televisão, dormem tarde. E eu sei que... E a gente vai comer no restaurante, acompanho ele. A minha sobrinha que toma conta das minhas finanças, dá o dinheiro a ele. E ele quando ele vai comigo fazer companhia, aí eu acho que é uma outra coisa, eu pago a minha e a dele. Mas é só no fim, só de noite. E a gente não tem muito o que conversar, não é? Porque ele, como diz, é muito simpático. Ele, por exemplo, ele prepara o café da manhã quando eu me levanto, mas o café está arrumado como se fosse um hotel de cinco estrelas. As frutas estão arrumadas e fazendo desenho (risos), tudo direitinho. Mas o que que era? Ele tem carro e às vezes o carro fica com a Alice [Lobo Paes, neta de sua tia Gersila], eu acho, não me lembro. Eu sei que eu não tenho... Será que o carro é meu? Não sei! (risos). Estou velho, hein.

Izabella: Você gosta de cinema?

CAFM: Gosto muito, mas agora... Um dia eu peguei um táxi para aquele Galleria, que é um dos *shoppings* mais bonitos que eu já vi, incluindo no exterior. Porque ele é paisagista, fez aquelas cachoeiras, aquela coisa. É lindo aquele *shopping*, muito bacana. E eu fui lá, peguei o táxi, cheguei lá. Meu Deus, ou eu já tinha visto ou não prestava. Não me interessei, peguei o táxi de volta, voltei para casa.

Vicente: Não gostou do filme?

CAFM: Não, não tinha nada que me interessasse. Estava, acho que, num dia de coisa ruim.

Izabella: Ah, é um dia corriqueiro esse, porque costuma passar muita coisa ruim no cinema, né?

Gustavo: Tem um filme bom, viu? Bacurau.

CAFM: É, é isso que eu queria, ter algum jovem que fosse meu amigo, que a gente se frequentasse, que a gente visse. Não é para dominar, não. Não quero dominar, nem... Inclusive, Geografia, para mim, acabou. Eu não vou me meter, porque eu estou com 92 anos. É muita coisa.

Izabella: Você quer ir ao cinema com a gente?

CAFM: Ah, sim, cinema, claro. O que for de diversão, vamos levar.

Izabella: Então a gente poderia, todo mundo, combinar de ver Bacurau, né?

CAFM: Ah, esse Bacurau eu queria ver.

Izabella: É? Então tem que ir rápido, porque senão vai sair do meu cartaz. Vamos?

CAFM: Pois é, vamos.

Izabella: Então, vamos! Então, vamos combinar. Quem que vai fazer essa ponte de fazer o contato? Quando que é um bom dia para você?

CAFM: Ah, sim. Bom, essa semana está meio chegando, porque vem uma moça do Piauí, que vai fazer um concurso numa cidade da região de Campinas, mas que ela é muito tímida, ela quer ficar aqui. E ela diz assim: "Eu vou depois do jantar". Quer dizer, ela quer só uma acolhida para dormir. Mas não há necessidade de ser tão... Ela é a atual mulher de um primo meu. A gente passa tempo sem se ver lá em Teresina, mas quando a gente se encontra... Quer dizer, a mãe dele é prima legítima, nasceu em

1940. E esse filho dela, e ela tem um filho e uma filha do casamento. Então a filha é casada com um rapaz do Nordeste, mas que eu acho que ele é do... Não, é do Pará, casou com minha prima. E o rapaz, ele me tratou tão bem lá em Teresina quando eu estive. O calor estava demais e a gente só saía de noite. Quase que eu não vi Teresina. E tem uma filha chamada Rebeca, que foi estudar no Recife. Mas a gente lá no Nordeste tem as tradições que não sei se são as famílias antigas que guardam os costumes. Um deles, que acho curioso, e eu acho uma beleza, é, por exemplo, o primo, eu vim de noite para deitar, e pego ele, que ele já veio, já botou o ar refrigerado, eu me sento, aí ele vem, beija minha mão.

Paulo: Pedir a bênção.

CAFM: Tem o beija-mão que é de primo, e eu acho isso uma beleza.

Izabella: Que bonito.

CAFM: E ele tem... É ele que tem a atual mulher dele, que ela é dentista, e eu acho que é do governo do Piauí, que ela faz assim, ela vai...

CAFM: O que que foi?

Paulo: É que eu pedi a pasta para ele [Gustavo] e ele deu a mão assim, eu achei que eu ia beijar a mão dele.

CAFM: Ah, meu Deus (risos). Então vamos ver a...

Vicente: Só uma reflexão, um momento que o senhor está acompanhando, o Brasil e todas as questões, como o senhor vê o Brasil agora?

CAFM: Ah, política, e eu vou te dizer, está um nojo, eu nunca vi. Este homem foi eleito para o Lula não entrar, foi o único mérito que ele teve. E o pessoal votou nele maciçamente, porque não queria o PT. Mas eu já não votei.

Vicente: O senhor viu muita “bateção” de panela aqui na época do...

CAFM: Ah, eu vi as coisas aqui, mas eu... E agora ver essas loucuras dos jornais, eu adoro jornal, eu sou um... Daqui a Folha que eu assinava aqui, teve uma confusão e eu cortei. Agora, eu não tenho o menor tesão com política. Para mim, quer dizer, é uma pena, porque eu acho que o Brasil está horrível. Eu nunca vi. Nos meus 90 e... Quantos?

Paulo e Vanessa: 92.

CAFM: Eu nunca vi uma esculhambação maior do que está o Brasil hoje. Esse homem não deve ser bom da cabeça, porque faz tanta coisa assim. E eu tenho pena, mas sinto muito. Acho que a gente está de um jeito, mas quanto ao banditismo, é gente que mata as pessoas, todo dia vê o jornal... Como é que chama? Jornal da televisão. É tudo... coisas que você fica de queixo caído.

Vicente: Agora, com relação aos jovens, o senhor falou do pai, que era bastante rígido, e agora, como o senhor vê essa mudança com os jovens, por exemplo?

CAFM: O meu contato com os jovens é muito pouco, porque eu não estou mais na universidade. E eu tenho uma coisa que é verdade, me disseram. Jovem não gosta de velho. Tem nojo de velho. Não quer nem se aproximar. Isso é o que eu ouço dizer. E eu acho que eles têm direito, porque agora, ao invés de estar com os companheiros da juventude, vai se meter com a velharia.

Vicente: Mudou, por exemplo, pensando na questão que era uma coisa rígida, as pessoas tinham uma coisa do patriarcado, dessa coisa muito fechada, o senhor que vem do interior, de um estado muito conservador. Como que isso, do ponto de vista da juventude, que hoje tem muito mais liberdade para exercer sua sexualidade, essas questões, como o senhor vê?

CAFM: Ah, sim. Eu acho que primeiro, eles dominam a tecnologia. Eu não sei nada. Não sei mexer, nem naquele negocinho [smartphone]. E todo mundo, assim como Maria Adélia, que é esperta e sabe, ela escreve, ela faz coisas [nas redes sociais] e

as pessoas respondem... Eu não sei fazer nada daquilo. Então é como se não existisse. Para mim, não existe. Eu acho que dei o que podia dar. Agora, do jeito que o Brasil está...

Vicente: O senhor vê esperança no Brasil?

CAFM: Eu faço fé que tenha mudanças radicais para o Brasil tomar outro rumo. Esse está na cara que não está valendo, não é?

Vicente: Vamos ver um pouco do que o senhor queria mostrar para nós?

CAFM: Ah, sim, vamos! Não repara, que o escritório está uma bagunça total.

NOTAS DE AUTOR

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Vicente Eudes Lemos Alves — Concepção. Realização da entrevista. Revisão da versão final do texto.
Gustavo Teramatsu — Concepção. Realização da entrevista. Captação em áudio. Revisão da versão final do texto.

Izabella de Oliveira Rodrigues — Realização da entrevista.

Vanessa Juliana da Silva — Realização da entrevista.

Paulo Roberto da Silva Rufino — Realização da entrevista. Captação em vídeo.

Os autores agradecem à graduanda em Geografia **Natalie Freitas** pela transcrição do áudio e vídeo, em outubro de 2023.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY-NC](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, sem uso comercial e desde que atribua a autoria da obra.

HISTÓRICO

Recebido em: 30-10-2023

Aprovado em: 16-03-2024

